



Num dia de calor sabe bem estar frente à água do tanque.

## Praticando o Bem

### Amarras de Amor

**F**ORAM muitas as chamadas telefónicas! Muitas!... Quando o pequeno aparelho me tocava ao lado da anca esquerda, por aquela altura, eu já adivinhava. Era de Setúbal. Da Escola Ana de Castro Osório, a assistente social.

Tratava-se de um rapaz de quase catorze anos e no sexto do currículo escolar. Que não tinha onde viver. Que o pai o pusera na rua. Que nenhum dos irmãos o recebia. Que a mãe vivia em Espanha, em vidas que não se descrevem e a cuja companhia se havia furtado.

Que não tinham porta onde bater!

A gente vai apresentando as nossas reais dificuldades. Um rapaz com esta idade encontra-se já numa situação de complexo desenvolvimento afectivo e emotivo, de tal maneira que, tem muitas dificuldades em se adaptar ao «ser especial» numa Casa do Gaiato — casa de família com vivas e complicadas inter-relações de todos os membros.

A experiência de longas décadas confirmam-nos o estorvo natural e, atentar contra a experiência é, normalmente, sujeitar o rapaz ao fracasso ou, pior ainda, colocá-lo em posição de levar mais companheiros na mesma infelicidade.

Dada a situação do Diamantino, as privações sofridas, a ausência de qualquer amparo familiar e o seu carácter humilde e estudioso, resolvi ouvir o pedido da assistente social.

Era de Setúbal, essa terra que me marcou a vida e me esmaga o coração. As pessoas prendem-se a nós como única tábua salvadora!...

Que hei-de fazer? É muito difícil fechar o sentimento! O rapaz veio acompanhado da senhora, a qual passou com ele, na Aldeia, uma boa parte do dia.

Fui-o prevenindo das dificuldades e do sofrimento inevitável à sua adaptação. Era necessária muita força de vontade.

O adolescente ficou na minha mesa almoçando e jantando à frente de mim.

Nos primeiros dias, ao olhá-lo, sentia as lágrimas a correrem-me interiormente de alto a baixo, lembrando a tragédia da sua vida e pensando comigo: — Vale a pena a gente viver para estes rapazes. Estava a fazê-lo meu. É necessário possuir os rapazes. Fazê-los da nossa carne e do nosso sangue. Senti-los nossos para sermos deles.

O rapaz comia com alguma avidez. Era natural. A fome sofrida e a instabilidade actual exigiam confortos.

Depois saiu por ele próprio deste lugar, ou porque vieram outros, ou ainda, por se

Continua na página 4

## TRIBUNA DE COIMBRA

### Falta de amor de mãe — de família

**N**A vida de alguns rapazes que criámos com todo o carinho possível e outras condições que as suas origens de exclusão nunca lhes proporcionaram, há momentos de grande tensão e vazio.

Alguns, são momentos equilibradamente proporcionais, isto é, estão na razão do crescimento-maturidade. Mas há muitos outros que são verdadeiras paragens — síncope de um coração que está ferido e tarda em sarar.

Não é difícil diagnosticar a origem de tais dores: a sua infância torturada pelo abandono e pelo sofrimento. Foi lá, nesses anos recentes — para alguns parecem eternidades — que aconteceram cenas de terror e violência marcantes nos quais alguns deles foram verdadeiros protagonistas, de alma e corpo, num filme que bem desejariam destruir ou esquecer para sempre.

Como é difícil e será sempre tarefa morosa e paciente levar estes corações feridos a exorcisar os fantasmas que se enquistaram nos seus corações frágeis e pequeninos!

«Crescer custa, Padre!» — dizia-me alguém preocupada com a terapia dos seus. Mas no meu diálogo íntimo com a situação de cada um deles, que se as não conheço na profundidade, pres-

sinto, por lampejos, na origem, dou-me conta de que há uma falha de base, quase química, comum a todos: a falta do amor de mãe, de família, nesses meses e anos tão determinantes como são os primeiros de uma vida humana.

Os «chamados» insucessos de vida aqui encontram a sua origem e explicação: os afectivos, os escolares, os profissionais, quase todos. Até a abertura ao horizonte do transcendente... São insucessos de um mais

Continua na página 4

## BENGUELA

### Pai Américo continua presente

**C**OMEÇA um novo dia com seus cuidados habituais. Há sempre pessoas à espera de ser atendidas com a credencial para o Posto Médico. Os Pobres mais pobres têm direito a tudo. Quem dera houvesse serviços organizados para os atender na altura devida!

O sector da Saúde merece atenção especial. É das partes mais sensíveis da população. O povo vai amar quem cuida dele. Uma porta de entrada no coração das pessoas está nos cuidados de Saúde. Matar a fome aos famintos é prioridade. Tratar os doentes para que se curem, é tarefa prioritária também. Por isso, ao lado da comida está também o remédio, quando for preciso. Desde o princípio, levamos esta preocupação connosco. Todos os dias vão pessoas com credencial nossa para serem atendidas ou no Posto Médico local ou no Hospital da Cidade. Os remédios são comprados ao preço do mercado que, normalmente, é muito elevado para as possibilidades da população, em geral. Sabemo-lo por experiência. Muitos doentes que nos batem à porta morreriam se não pudéssemos pagá-los os remédios. Queremos que tenham vida.

Continua na página 4

## Notas do Tempo

**C**OM os olhos mais perto, é natural que também o coração tenha reflectido a proximidade dos gigantes problemas que afligem quase todos os Povos africanos — e daí os desabafos que me foram tema nas últimas quinzenas. Porém, agora, regressado, não deixo de sentir na pele esses problemas que, afinal, não são exclusivos de África, mas se encontram, endémicos e graves, em quase todos os Continentes. Também no nosso; também neste «jardim à beira-mar plantado».

E o princípio da cura de tais males é o mesmo em todas as latitudes e longitudes: Trabalho e disposição ao sacrifício que guiem o olhar do homem ao outro homem, passando pelas coisas, utilizando-as como instrumento, sempre na defensiva do sofis-

ma de as tomar por causa — uma terrível tentação.

A sabedoria cristã que evoquei no fecho da crónica de há quinze dias, foi que *nor-teou* e constituiu a fonte de dinamismo de Pai Américo em prol de um mundo mais justo e mais fraterno. Ele dizia assim: «*Eu ando com quem anda*». Queria dizer: eu ando para fazer andar; e esses, andando, fazem-me andar a mim. Desencadeado o movimento, está estabelecida uma saudável *petição de princípios* (a que costumamos chamar *circulo vicioso*) em que nos perdemos de qual é a causa e qual é o efeito, no decorrer de uma circulação de bens que igualiza os homens, que os fraterniza porque é sincero desejo e esforço de Justiça o alicerce das suas relações.

Com que alegria eu vi este pensamento divino de Pai Américo em vida plena, na recente estada em Moçambique! Mormente nas três comunidades vizinhas da nossa Casa que somam milhares de pessoas encontradas em estado de resignação estagnada e agora, tendo pegado na mão que se lhes deu, dão já tantos passos por si mesmos. Todas as tardes, do varandim que limita a *Praça* da nossa Aldeia, me regalava com o espectáculo de luz que o sol faz nos telhados de zinco do *lugar dos Quatro Caminhos* onde dezenas de pequeninas casas de blocos de cimento, substituem, hoje, outras tantas palhotas que ficaram destruídas pelas cheias de há dois anos.

Claro que não houve nenhum milagre! As casas não caíram do céu; subiram a partir da terra. O muito dinheiro que se gastou, veio. Veio, de quê? De muitos passos que foram dados por uns e por outros: por uns a quem

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**DOENTES** — Uma, viúva, quando mais nova, deunos muito trabalho. Agora, porém, com os filhos criados, ainda permece no mesmo purgatório...!

Uma outra, é um caso que também nos dá que fazer. Vamos esperar que mude de vida. Também é doente. Doença nervosa. Tratámos da sua casa com dedicação. Agora, porém, é digna de ter onde ficar dignamente. Ela e o filho, das tristes ervas como a gente ouvíamos dantes. Tratámos de ambas as ditas com dedicação. As famílias já são dignas de ter onde ficar dignamente.

Esta mulher precisava de óculos para ganhar a vida. Abrimos a porta do estabelecimento de um vicentino. Compreenderam, por fim, a atitude da Conferência e de quem lhes dá a mão.

**PARTILHA** — Lisboa, assinante 33205: «Tenho a Obra do Padre Américo sempre presente. Nasci em Coimbra no ano em que ele foi ordenado e pediu para ser recoveiro dos Pobres. Cresci e aprendi a ler o que escrevia. Como posso desligar-me? Venho enviar uma migalha — o que posso — e ainda assim a pedir que seja repartida pelo Calvário e por Benguela. O GAIATO é sempre lido e só me apetece ajudar a todos. Ainda vão vinte e cinco euros para a Conferência de Paço de Sousa. Não peço para

acusarem recepção, que não é preciso».

Assinante 44952 de Fão: «É sempre com alegria que recebo O GAIATO que tão bem me faz a sua leitura. Já há tempo que era para escrever, mas só hoje aproveitei o Domingo para cumprir esta obrigação. Envio este cheque e o restante para sufragar a alma de meu marido e para aquilo que, de momento, for mais urgente».

Assinante 20856, de Espinho: «Como habitualmente, envio a minha pequena contribuição semestral para a vossa Conferência, um cheque de cinquenta euros».

Porto, assinante 27831: «Conforme disse pelo telefone, devido a um acidente provocado por um 'menino' a que infelizmente não me foi possível responder, como devia. Lamento duplamente pela minha falta e pelo motivo que me levou a que ela exista. Amiga velha e velha amiga».

Assinante 58051: «O GAIATO é para mim uma ajuda espiritual que leio e releio com muito interesse. Junto um cheque para uma das muitas carências com que são confrontados».

Depósito da Caixa Geral de Depósitos, Braga, pela mão do assinante 20065, duzentos euros.

Cheque de cem euros, do assinante 57726, de Tomar.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho, 62.700 exemplares.



## PAÇO DE SOUSA

**ESCOLA** — Mais um ano passou e com ele muitos trabalhos ficaram.

No entanto, ficámos contentes ao olhar para trás e ver um mundo de coisas que realizámos.

Fizemos ainda visitas de estudo a muitos locais e Instituições: GNR de Penafiel, Parque Natural da Cidade de Paredes, Barragem de Crestuma-Lever, Visionário... entre outras.

Já agora queremos aproveitar para agradecer à nossa Casa do Gaiato, à Câmara Municipal de Penafiel, à Junta de Freguesia de Paço de Sousa, à Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e Empresa Santos que nos proporcionaram essas visitas.

Falando um pouco do ano escolar, não foi fácil. No entanto, conseguimos ultrapassar as dificuldades que tínhamos e lá vamos para o 5.º ano. Obrigado ao nosso professor.

Rapazes do 4.º ano

## MOÇAMBIQUE

**GADO** — As nossas vacas dão agora mais leite. Na semana passada nasceram mais dois vitelinhos. É muita pena não termos ainda os suínos.

**VISITA** — Recebemos o nosso Padre Carlos que esteve connosco durante um mês e meio. Agradecemos a sua visita e esperamos que venha mais vezes, sempre que puder.

**FÉRIAS DO SEMESTRE** — Foram ótimas. Estiveram cá os rapazes que estudam em Maputo e isso foi bom. Aproveitámos para fazermos algumas actividades.

**CONTENTOR** — Recebemos um, de Espanha. Restamos o nosso muitíssimo obrigado por tudo aquilo que têm feito por nós.

**DESPORTO** — No dia 25 de Junho fizemos um jogo contra a selecção da Massaca.

Manuel Chauque

## SETÚBAL

**PRAIA** — Os do primeiro grupo já terminaram o seu tempo de praia, e os do segundo já gozam as suas férias. O tempo não é só para descansar e brincar porque temos de fazer as obrigações: descascar batatas, varrer a esplanada, fazer o refeitório e a copa e as limpezas.

**CASAS** — Os quartos da casa IV foram pintados de branco e mudaram o chão para corticite. Também as camas foram pintadas de castanho. Está tudo mais bonito. A casa III teve também as mesmas melhorias.

**RAPAZES NOVOS** — Vieram, para cá, dois rapazes novos: o «Bruno» e o Paulo. Para começar, entraram no grupo das limpezas e no do refeitório. Esperamos que gostem de viver connosco.

**REGAS** — Neste tempo de Verão, as árvores secam com o calor e, então, é preciso muita água para as regar. O «Pipas», o «Testinhas», o «Ronaldo» e o «Beicana», são os responsáveis por este trabalho. Dão muito que fazer, mas é preciso para termos bons frutos.

**SALINHA** — Eu tenho estado responsável pela salinha das senhoras. Às vezes há uns descuidos e parto a loiça. Também varro o chão e lavo-o.

Carlos Miguel

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Dezasseis de Julho. Um dia muito especial e lembrado na grande família dos gaiatos, e dos muitos e bons Amigos da

Obra da Rua. Dia em que Pai Américo foi para o Céu.

Quando estas palavras saírem n'O GAIATO, este dia já passou, mas não nos podemos esquecer da data. Pai Américo é o guia espiritual e está, sempre, nos nossos pensamentos.

\*\*\*

Pedimos desculpa por andarmos atrasados com as notícias, mas, agora, começaram as férias e também por motivos de saúde entre nós, vicentinos. Se Deus quiser, este mau bocado ha-de passar e tudo se resolverá pelo melhor. Deus temnos ajudado e Pai Américo não abandona os seus filhos.

**RECEBEMOS** — De Coimbra, de Edla. Do assinante 50196, que fala da campanha «tenha o seu Pobre».

Assinante 6762: recebemos as ofertas, agradecemos e desejamos as melhorias; obrigado pelas palavras de conforto.

Dolores: a cartinha, apesar de tremida, estava muito boa e entendemo-la muito bem.

De Lourosa, 200 euros da esposa do senhor que nos escreveu; votos de muita saúde.

A todos desejamos boas férias. Bem hajam.

Maria Germana e Augusto

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

**ENCONTRO** — Não devia ser eu a escrever esta crónica, mas vou tentar redigir algo que tenha a ver com o dia em que os antigos gaiatos se reuniram nesta Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, que nos viu crescer e fez de nós os homens que hoje somos.

Apesar de alguns terem vindo de ambientes pouco aconselháveis, houve a sorte de nesta nossa Casa encontrarmos a família que não tínhamos; e a possibilidade de nos prepararmos para a vida deste mundo cheia de contradições e de tantas ambições!... No entanto, também não é menos verdade que há rapazes que teimam em não aproveitar esta oportunidade. Um dia mais tarde, quando derem fé que o tempo passou e nada fizeram, talvez seja tarde. É necessário que cada um de nós, mais velhos, tenhamos a coragem de muitas vezes ter que ser, se calbar, menos simpáticos e dizer a realidade da vida, que eles, mais novos, ainda ignoram. Eu sei que não é fácil! Alguns já têm filhos e até netos, e o que lhes dizem?! Também deixam correr? Vamos já! Onde todos ajudam nada custa.

Fez no dia 16 de Julho, 46 anos que Pai Américo nos deixou (visivelmente). Muito embora não o tenha conhecido

## RETALHOS DE VIDA

### Nuno Carlos



Chamo-me Nuno Carlos Costa, sou natural de Nampula, Moçambique. Vim para a Casa do Gaiato em finais de 1992. Tinha cinco anos de idade.

Não sou perfeito nem inteligente, mas luto para dar o máximo por mais que as pessoas se não apercebiam disso, mas eu, sozinho, é que consigo ver certas coisas que acontecem comigo. Apesar das dificuldades que encontro sei que ninguém é perfeito, cada um tem as suas falhas, desvantagens, que só o Pai do Céu pode tirar.

Quando for grande gostaria de cuidar de crianças sem-ninguém. Dar a minha vida por elas.

Jesus disse: «Tudo o que fizeres ao mais pequenino é a Mim que o fazes».

Nós, muitas vezes, esquecemo-nos desta frase. Até eu, às vezes, chego a maltratar os outros, esquecendo que «não devemos fazer ao Próximo o que não queremos que nos façam a nós».

Sinto, dentro de mim, uma grande ilusão pela vida — ela só é bela quando a aproveitamos.

Nuno Carlos Costa



Uma burricada, pousando à frente da nossa Capela de Maputo.

## MOMENTOS

## Familiaridade

**É** Domingo à tarde. Sol radioso. Uma brisa suave ameniza o calor, abanando docemente os ramos das árvores.

Tudo convida a sair. A nossa Aldeia está linda. Por toda a parte flores e verdura. Mas, para os rapazes, é trivial. Vêem sempre a mesma coisa, sentem necessidade de outras belezas.

— *Deixe-nos ir lá fora até ao Mosteiro* — imploravam três grupos deles.

— Sim senhor, vão e quando regressarem passem por aqui — pelo meu escritório.

São pequenos dos doze aos quinze anos! Que mal haveria saírem até ao Mosteiro?... — Só vejo bem. E muito!...

O Mosteiro de Paço de Sousa tem um largo frondoso, bem arejado, com bancos e jardins e um ribeiro ao meio, onde as pessoas de todas as idades passam momentos de alegre convívio. Sou possuído de boa impressão desta gente que me parece ser proveitosa a sua convivência.

Célio, Alcides e «Rola» formavam um dos grupos a que me refiro.

Havia um quê impeditivo. Um deles é hábil na pedincha. Põe uns olhos, faz um gesto e esboça um ar de tal maneira terno e carenciado, que poucos resistem ao seu estender de mão.

É mais fácil corrigir o hábito de roubar do que o de pedir.

— Então, vocês têm dinheiro para ir lá fora?

— *Não precisamos, só queremos ir passear*, — respondeu imediatamente o Célio.

Ora, eu tinha-lhe prometido alguns euros por ele ter tocado flauta com outros, nas boas vindas a uma peregrinação que veio aqui rezar e conviver connosco. Não me adiantei à espera que ele se descosesse.

Mal saíram, reapareceu logo o Alcides: — *O Célio disse se lhe dava algum dinheiro*.

— Mas tu és porta-voz do Célio?

— *Já sabia que o senhor me ia dizer isso*.

— Respondeu-me de olhar matreiro.

— Então sabias e vieste? — Desapareceu e passados minutos volta o Célio:

— *S'pácilio, mandou-me chamar?*

— Não. — Doi-me este pequeno. Tem uma «burra» de todo o tamanho. Quando a prende, é tão difícil soltá-la! Os técnicos chamam a isto bloqueio, mas eu gosto mais do termo popular. É a experiência do povo a fazer sabedoria de séculos.

A gente brinca com a «burra» que escolhe, que é velha, gorda, feia e parda e tudo ajuda ao desbloqueamento. Uma risota é a resposta.

Há dias, apanhei-o diante dos mais pequenos a largar torpes obscenidades. Naturalmente que o enfrentei.

Passado pouco tempo, perguntei-lhe, com afago, se estava zangado comigo. Retorquiu, encostando-se a mim: — *Não senhor*.

Ao jantar, numa noite destas, confidenciava-me que nunca conhecera seu pai.

Gosto dos rapazes rijos.

É destes que se fazem os chefes!

As birras são também sinal de frontalidade, de audácia e de verdade.

Regressaram os três a contarem-me as maravilhas da saída, que não descrevo para não me alongar. O Célio tinha levado a responsabilidade de não deixar o outro pedir e mo vir denunciar se tal acontecesse.

Analisei com eles as anteriores reacções, os pressentimentos e as atitudes correctas que deveriam ter tomado — voltei à «vaca fria» como se costuma dizer.

É sadio dialogar com os rapazes acerca das dificuldades próprias rindo e brincando.

Lá adiantei um euro e meio a cada um e foram gastá-los em tremoços e gelados, vindo depois reparti-los comigo!

Consolo iniesquecível.

Padre Acílio

## Notas do Tempo

Continuação da página 1

foi dada a graça de fazer andar; pelos outros que aderiram e foram o instrumento desta graça; pelos próprios, alvo desta graça, que, tirando o bairro dos velhinhos, juntaram também o seu *andar* aos mais que andaram, para que a «obra tenha nascido» e seja — porque «Deus quer» (quer sempre o bem para todos os homens!) «e houve quem sonhasse».

Como brilha a sabedoria de Pai Américo! A sua alergia a contas! A sua resistência a prestá-las! Como brilha, em contraste: com as nuvens sombrias que nos envolvem; com as preocupações que subjagam os Técnicos da Economia e Finanças; com o ridículo de quem quer contas feitas com tabuadas diferentes da tabuada da Verdade e da Justiça!

Tal como os Povos africanos de onde venho, também o nosso Povo é chamado, nesta hora, ao papel de Macro-Economista dá nossa recuperação, pelo trabalho e disposição ao sacrifício, pelo olhar fixado, mais do que em si mesmo, nos mais frágeis, que a ciência dos homens nunca é capaz de defender (senão de boca!) dos maiores rigores das intempéries sociais exactamente provocadas pela irresponsabilidade que se alimenta do egoísmo e ambição de muitos.

Padre Carlos

pessoalmente, não há dia nenhum que não me dirija a ele. É através dele que eu e porventura muitos outros, vamos buscar forças para enfrentar o dia-a-dia, muitas vezes nada fácil.

Quando cheguei à nossa Aldeia de Paço de Sousa, já o Padre Carlos distribuía abraços a todos aqueles que lhe iam chegando e que a ele se dirigiam. Infelizmente, este ano, a afluência não foi grande, mas, vieram aqueles que tiveram disponibilidade!...

Pelas dez horas da manhã, tal como fazia parte do programa, alguns reuniram-se no Salão de Festas para se eleger a

nova direcção. Assim aconteceu. Falou-se de várias coisas apesar de o tempo ter sido pouco. Por volta das onze horas, foi o ponto alto do dia: a celebração Eucarística. Agora, com a Capela cheia apesar de sermos poucos e de estar um grupo deles na praia de Azurara, o nosso Padre Carlos celebrou e falou de Pai Américo e do que realmente somos.

Chegou a hora do almoço. Todos se dispersaram, uns pela nossa bonita Aldeia de Paço de Sousa; outros, que não tinham trazido farnel, foram aos restaurantes mais próximos. Este ano foi assim (...). Nem por isso, durante a tarde, deixaram

de se juntar novamente e continuar a conviver. A meio da tarde, foram acendidos os fogareiros para se dar início à boa sardinhada e ao caldo verde. Tudo comeu e bebeu. No intervalo, alguns aproveitaram para fazer uma partidinha de malhas. Há hora de abrir a piscina, não dispensaram o banho, naquela água limpa e bem tratada. Foi um dia alegre. Esperamos que para o ano tudo corra, se não puder ser melhor, pelo menos igual. Desejo já à nova Direcção da Associação que tenham força e coragem de dar continuidade a esta tarefa, estar à frente seja do que for.

Alberto («Resende»)

## DOCTRINA



«Trabalha que Deus te ajudará»

**F**UI encontrar o «Zé Mau»! Deu-me tal abraço que me ia prostrando; e logo me relatou de como havia deitado o Freitas de cangalhas, num desafio de futebol. Ora o Freitas é o maioral da Casa. Não está certo! O Adriano, de Tomar, rachou a cabeça e anda com doze pontos. O cozinheiro-chefe traz um braço ao peito. O Zé Maria saiu de roupeiro e passou a pasta ao Zé Luís. Fugiu tantas vezes da nossa Casa e tantas vezes regressou pelo seu pé! Não sabe dos pais nem da casa nem da terra onde nasceu; é um aehado precioso.

**M**AIS no comboio, um «tome lá 100\$00 para os seus rapazi-nhos». Mais, na automotora, um «olhe estes 20\$00 pela acção do Augusto». Mais 200\$00 de visitantes. Mais roupas e um presunto, idem. Mais 100\$00 no Banco. Mais 50\$00 de visitantes, Mais idem, idem. Mais o dobro, idem.

**S**IM; tragam pedras para o nosso monumento de resgate. Certa crítica tem reparado no tamanho das casas: «Para quê tantas janelas?!» Mais janelas têm as cadeias! Ora as janelas da nossa Aldeia são justamente para diminuir um nadinha a entrada de criminosos nos cárceres. Mais 100\$00, de Monte Real. Mais metade, de Cinfães. Mais, retirada de dentro de uma carta, esta esmola para nós: «Olhe que todos os números d'O GAIATO me fazem chorar de comoção e me despertam o desejo de ser melhor». Mais, no Depósito, um pacote de roupas e um dito e um dito e ainda outro, todos amorosos, afirmação de presença; uma cama de ferro com seu colchão; vários presentes de anos.

**C**HEGA um grupo: é um casal, em lua-de-mel. Na Aldeia, o marido chama-me à parte, tira da carteira e dá-me um rolo de cinco notas de conto! — Não posso aceitar, disse. Pois se eu o tinha conhecido ontem nas ruas de Coimbra, em franca e gloriosa penúria de estudante!  
— *Perdão. É da minha mulher.*  
— *A sua mulher é rica?*  
— *Não; mas ama esta Obra e quis que fizéssemos o propósito de nos privarmos do que é dado às luas-de-mel e poupar esta soma para cá.*  
Feliz casal!

**M**AIS 40\$00 do Seixal e, da mesma terra, a promessa de um porco gordo. Que bom! É por causa do Filipe! O povo daquela terra gostou de ver o Filipe na fotografia e não quer ficar só em palavras. Cá esperamos. Que venha quanto antes. Há-de ir o Filipe à estação de Cete por ele.

**A**LMOCEI ontem no Buçaco com uma família alentejana onde soube coisas do Dr. Notário, do Seixal, a quem chamo agora por saber que ele é muito novo. Ele é o simpático rapaz que desde há muito tempo se vinha interessando pela sorte do

Filipe. Gostei de ouvir que há rapazes novos, em postos de responsabilidade, dispostos a fazerem alguma coisa que se veja; e aperto-lhe aqui a mão. Mais soube que ele namora. Desculpe, senhor Doutor, a pequenina inconfidência. Sim. Muito bem. Faça um lar feliz. «Faça cristandade», como diziam dantes, aos missionários, os nossos reis. Há hoje muito paganismo nas famílias. São preciso missionários. Ciência, mocidade, bondade, compreensão — suportes preciosos da Cruz! Pois que depressa sejam esposos e depois... sempre noivos. Esta é a minha oração a vosso respeito.

**M**AIS 100\$00, de Vidago. Mais, num eléctrico do Porto, um «aquí tem estes 20\$00». Mais, no comboio, a caminho de Coimbra, um «perdão, você é que é o Padre Américo?» — Sim senhor. — *Tome lá 100\$00.* Mais, nas ruas de Coimbra, 20\$00. Mais dois dedos de cavaco em casa amiga, acompanhados de café e bolos e no fim uma carapuçada de notas. Mais, numa estação de caminho de ferro, um aperto de mão à despedida e 40\$00. Mais um «tome lá 500\$00 e mande o III volume do Pão dos Pobres». Não precisas de mandar tanto; com 12\$50 fazes a festa! Aquela oferta foi por devoção. Mais 50\$00 e meia dúzia de peúgas e outros tantos lenços de algebeira «para seu uso pessoal». A oportunidade leva muito alto as ofertas. Eu andava mesmo no fio. Nesse dia houve de sair para o sul e equpei-me com peças do precioso dado. Deus faça bem a quem faz bem.

**M**AIS umas horas na mata do Buçaco, em um destes formosos dias de Setembro. Às nove, já eu andava entre os cedros; a Missa estava marcada para as 11,30. Que linda preparação para o acto! Como é fácil ser-se feliz e gozar os minutos de cada dia! Nem todos assim sentem e, até, cuido eu que muito poucos acham a beleza do silêncio.

**U**M dia destes, nos Clérigos, entra no eléctrico uma menina moderna. — *Sabe* — diz ela para um rapaz do mesmo estilo — *venho do Buçaco. Você não sonha a tremenda chatice que aquilo é!* O moço, para não destoar, declara que o Porto também estava muito chato. A pouco mais sobem as conversas da mocidade portuguesa, em nossos dias.

**À**S onze, tocava a campânula dos antigos Religiosos Carmelitas e, no mesmo altar, com os mesmos paramentos, um pequenino grupo de fiéis celebrou mais eu o mesmo Sacrifício Incruento da Cruz. Perto de dois mil escudos foi a resposta que quiseram dar ao recado que eu lhes dei. Em baixo, no Hotel Lusitano, bavia mil escudos que alguém ali deixara para os gaiatos. «Trabalha, que Deus te ajudará», diz o povo. E eu cá ando.

*D. Américo: 5.!*

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

# Praticando o Bem

Continuação da página 1

sentir já mais à vontade, com os colegas.

Tudo normal! Tudo a correr bem.

Nas aulas havia aproveitamento e os testes confirmaram a capacidade e o desejo de progredir.

Acabou o ano escolar com boas notas e deixei-o ir, com outros rapazes, no nosso autocarro à Casa do Gaiato de Setúbal matar saudades dos irmãos que o foram lá ver.

Não quis falar com o pai que também se apresentou. Regressou contente e eu mais fiquei ainda. Parecia-me ter homem. Estava conquistado.

Trabalhava na lavandaria e frequentava com entusiasmo as aulas de música.

A gente começa a sonhar!... A construir dentro de nós o homem que o rapaz vai ser!... A consolar-nos com a legítima aspiração de o fazer crescer e amadurecer!... O rapaz rouba-nos algo de nós sem darmos por ela! É a família! Os pais também se deixam apanhar!

De repente tudo se desvaneceu!

Era uma tarde quente deste final de Julho. Padre Carlos surpreendeu-me com esta chamada: «Está ali a mãe do Diamantino que o quer ver».

Um sobressalto bruto que nos apanha. Apesar de habituados não deixamos de o sofrer.

Vinha coberta de fantasias de ouro no peito despido com cordões de espessos elos, pulseiras compactas e anéis brilhantes. Acompanhava-a um homem novo de barba tratada e a roupa escolhida. Após os cumprimentos que me esforcei por afáveis vieram as declarações. «*Que não vinha buscar o filho, mas que tinha a sua tutela. Se quisesse podia levá-lo*».

Calei-me, como convinha.

O rapaz aparece e cumprimenta, friamente a mãe que logo lhe perguntou se queria ir com ela.

— Não. Não quero.

O companheiro era um homem sabido.

A conversar foram-no arrastando para fora do meu alcance e, quando o

vi no meio da avenida, mandei-lhe pelo «Fáfá», recado que não saísse do portão.

O Gaiato deu uma corrida e, ainda longe, falou-lhe alto, ao que os raptos responderam com obscenidades as quais me deixaram esperançoso: — Pode ser que ele distinga e não vá.

À sombra da tileira, frente ao escritório, rezava de olhos fixos no meu tesouro.

Ao fim de pouco mais de meia hora o Diamantino transpôs o portão.

Num carro emprestado ainda corri, mas tudo foi escuridão.

Nunca mais!...

Connosco, em quatro meses lançamos sementes, cuja esterilização é impossível. O sonho dissipou-se, mas a realidade ninguém a destrói.

Nunca mais o Diamantino esquecerá o curto espaço de tempo vivido na Casa do Gaiato.

Aqui recebeu as primeiras noções da Fé, acompanhada de obras e amor!

Quem sabe se não fugirá outra vez à mãe para voltar de novo a esta sua casa?! Quem sabe?!

As nossas amarras não são de fantasia, mas de amor!

Padre Acílio

## SETÚBAL

# Insucesso escolar

**O** Luís «Gordo» é o tratador dos nossos vitelos. Pela manhã e a meio da tarde, é vê-lo fazer o leite que os bezerros beberão com sofreguidão. Depois, carrega de palha os comedouros e distribui a farinha e a água que completam a alimentação dos bovinos que estão a seu cargo. Raramente é preciso compensar alguma tarefa que ele não cumpra.

Na escola, o Luís dá o seu melhor. A professora revelou-me a satisfação por vê-lo a pôr a render as suas capacidades.

Outros rapazes, exclusivamente ocupados em actividades escolares, não evoluem do mesmo modo. Andámos todo o ano a insistir com eles, em busca de soluções que os motivassem, de apáticos e desinteressados que andavam pela escola. Os frutos desse esforço foram nada.

Fala-se do insucesso escolar, crescente e elevado. Multiplicam-se esforços, criam-se actividades e motivações que não mudam o rumo das coisas.

Quando junto de nós, e ocupados nas horas livres em trabalhos caseiros, nestes nossos estudantes vemos aplicação e interesse no que fazem.

Estará alguma coisa errada nas pedagogias que se põem em prática nas escolas? Mestre em pedagogia, Pai Américo aliava as tarefas manuais, ainda que caseiras, à vida escolar. Este, elemento fundamental, não anulava a necessidade de cada um comer o pão com o suor do seu rosto.

O mundo hoje anda esquecido disto. Os meios de subsistência tornaram-se um direito, deixando de ser um dever. E se são uma coisa, não deixam de ser a outra.

Já não se acredita na capacidade que o trabalho tem de resgatar o ser humano, contribuição indispensável para o seu equilíbrio. Nós fazemos esta experiência vezes sem conta.

Com pena, vemos tantas vezes no mundo empresarial, o trabalho adulterado, com efeitos sobre as pessoas, contrários a este. Vemos o homem ao serviço do trabalho e não o inverso. Vemos gente automatizada realizando tarefas de modo mecanizado, desestruturando inteligência e corpo, lançados na escravidão. A competição económica a obrigar a tais métodos, o que não faz gente feliz no seu ganha-pão. Mas se o sistema se vira contra o próprio homem, não pode ter futuro.

Para o próximo ano lectivo, estão já encaminhados os nossos rapazes, nas diversas alternativas escolares. Partimos com pouca esperança de êxito em alguns casos. A escolaridade obrigatória cria-nos mais limitações que soluções para a aprendizagem escolar. Embora o sistema de ensino esteja organizado em geral num *pronto-a-vestir* para a situação de cada aluno, parece-nos que ainda não consegue *vestir* muita gente.

Padre Júlio

Continuação da página 1

Quando ajudamos a vida temos mais vida. É uma verdade que se entende à luz da experiência. Quando um Estado ajuda a vida, investindo muito nos serviços de Saúde, toda a Nação é mais forte. A solidariedade entre os Estados será tanto mais humana e eficaz quanto mais pessoas envolver nos sectores da vida mais carentes. Falo de pessoas, porque o dinheiro não é capaz de resolver os problemas onde faltarem as pessoas. Estou a lembrar-me da cooperação da Nação portuguesa neste sector da Saúde. Quão débil ela é! E quão necessária foi e ainda é! Se Portugal quer estar presente, agora e no futuro, no coração do povo de Angola, tem que vir ao

# Benguuela

encontro das reais necessidades e mais prementes. O sector da Saúde clama por apoios humanos, pois o dinheiro não substitui a falta de pessoas.

O povo será de quem mostrar que o ama nas vertentes mais delicadas e sensíveis. A Saúde é uma delas. Quando alguém consome a vida, todos os dias, para que outros tenham vida, renasce em cada dia. Aprende-se vivendo. Quem não faz nada ou pouco faz, quando podia fazer mais, morre antes do tempo.

Gostei de ouvir falar daquela mulher que ficou com uma criança abandonada, ainda bebé, em suas

mãos. Foi um momento tão rico para ela que não se conteve até que fez um poema em que canta um hino à vida. Sem dar conta, está a viver as contradições aparentes da Palavra de Deus, quando diz que perder a vida por amor é ganhá-la. E amar é servir. Que dizes da tua vida? Quando recebemos em nossa Casa vidas novas a Obra renasce. Temos pena, por um lado, de sermos tão limitados! Partilhar a vida é tornar o ambiente, em que vivemos, mais solidário, mais corresponsável com a sorte de uns e dos outros. Quanto podemos fazer de bom e não fazemos! Estou a falar para mim.

O dia 21 de Julho foi também Festa da vida em nossa Casa. Juntaram-se à volta da mesa os Gaiatos antigos (não velhos) que têm suas vidas organizadas no meio da sociedade e os novos que

ainda vivem dentro, a prepararem o seu futuro. Foi um encontro marcado pelo dinamismo do Gabriel, industrial de hotelaria e muito amigo da Casa do Gaiato que o criou. A sua casa de trabalho foi transferida, naquele dia, para a nossa Casa. Quem nos dera que tivessem vindo mais! Vieram os pais com os filhos e suas esposas. Achei graça a uma pergunta feita por um dos filhos que gostava de saber o que fazia o pai e como se comportava na Casa do Gaiato. Respondi que era mais ou menos como ele é agora em sua casa com seus pais. Pai Américo continua presente!

Padre Manuel António

## PENSAMENTO

O coração é o tesouro do homem.

PAI AMÉRICO

# Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

vasto e profundo, o insucesso de uma infância sem amor, dado em tempo devido e irrepetível.

Nós falamos dos filhos dos pobres mais pobres da nossa sociedade que nos chegam e para quem somos família. Mas podemos alargar o leque pois que a deterioração do tecido familiar não poupa classes nem condições sociais. A reflexão centra-se de forma quase redutora nos problemas da economia ou em questões marginais. Com que ardor se discutem os direitos dos animais, por exemplo... Parece que andamos arredados do essencial. E o essencial é o Homem, que não é uma ideia mas um ser concreto. O Homem é um ser prioritário, tem a prioridade na reflexão e na acção. Ou será que nos cansamos do Homem seguindo o pensamento pessimista, individualista, alienante de que «quanto mais conheço o homem mais gosto dos animais»? O esquecimento do homem taz o esquecimento de Deus. E aqui, sem dúvida, a raiz de todos os vazios que ferem a Humanidade, principalmente os mais desprotegidos e fracos.

Padre João

## ENCONTROS EM LISBOA

# O Verão continua a sua rota

**A** QUI, em Casa, os grupos para a praia vão-se sucedendo. Entretanto, também temos tido a ajuda de grupos de jovens: Um, da paróquia de Massamá que esteve connosco durante o mês de Julho e, agora, dois grupos de jovens vicentinos, vindos de diferentes partes do País, que nos vão ajudar no mês de Agosto. Assim tornam-se mais fáceis os dias e os nossos miúdos ficam contentes por terem o apoio de outras pessoas. A todos o nosso muito obrigado.

Com o passar destes dias, começo a pensar no mês de Setembro que não tarda a chegar e, com ele, a preocupação do começo das aulas. Quando se têm quarenta e seis rapazes a frequentar o segundo e terceiro ciclos só pode estar preocupado. Sei que nem todos são brilhantes estudantes. Conheço as dificuldades de alguns e, sobretudo, sei que um grupo significativo não sabe estudar, nem vai adquirir esse hábito nas nossas escolas. Percebo igualmente a dispersão que se gera e as oportunidades de fugir às responsabili-

dades que se aproveitam.

Todos os que vão frequentar o segundo e terceiro ciclos teriam possibilidades intelectuais para ir até ao nono ano. Ao passar em revista um a um e cotejando cada um com o meio de ensino em que vai viver, sinto alguns arrepios pelo insucesso que pode aparecer. Sempre temi o insucesso, mas, olhando para os meus miúdos, sou obrigado a reconhecer que disso já eles estão cheios e expô-los a mais um, é sempre algo muito complicado.

Temos tido o apoio de jovens que vêm dar explicações, menos nos últimos anos. Cheguei à conclusão de que muitos dos nossos rapazes não precisam de explicações, precisam, sim, de alguém que se sente com eles à mesa e estude com eles. Prevejo um ano difícil. Deus nos ajude a superar as dificuldades e não nos falem igualmente mãos amigas capazes de descer ao nível deles a fim de os fazer subir na vida, não só no saber, mas também na dignidade.

Padre Manuel Cristóvão